



ESTUDO ETNOGRÁFICO NA SALA DE AULA: A LEITURA DE “BISA BIA, BISA BEL” E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A DISCUSSÃO SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO GUIADA PELA ABORDAGEM DO PROFESSOR

BARBOSA, Amanna De Paula; BARRETO, John Paulino

Universidade Estadual da Paraíba/ amannadepaula92@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba/ johne.paulino20@gmail.com

Resumo: No contexto da sala de aula, não era comum que a literatura infanto-juvenil servisse de material de apoio para que os professores pudessem discutir temas que permeavam (permeiam) a sociedade. Antes disso, ela era vista como suporte pedagogizante, moralizante para crianças. Após o chamado “*Boom de 70*”, a literatura infanto-juvenil é renovada, principalmente, pela influência dos personagens criados por Monteiro Lobato, a exemplo da boneca Emília. Diversos autores se influenciaram e passaram a construir livros que rompessem com o tom pedagógico dos contos de fada. Ana Maria Machado, ao escrever “Bisa Bia, Bisa Bel” (1981) aposta nessa nova roupagem da literatura para crianças e traz um contexto favorável para discutir acerca do gênero. Dessa forma, este artigo tem o objetivo de analisar as leituras dos alunos, em uma perspectiva etnográfica, a fim de compreender a abordagem do professor frente ao tema. Para tanto, faz-se necessário a seguinte indagação: Como o estudo etnográfico pode contribuir para que o professor compreenda as diferentes leituras dos alunos acerca da discussão sobre o gênero? Este artigo conta com uma abordagem etnográfica sobre as discussões oriundas das leituras dos alunos em sala de aula. Para isso, se fundamenta em autores como Mattos e Castro (2011), Castro (2015), Geertz (2008) acerca do estudo etnográfico, Arroyo (2011), Cadermatori (1992) e Zilberman (2003) sobre a literatura infanto-juvenil e Dalvi, Rezende e Jover-Faleiros (2013) e Cosson (2014) que abordam a leitura de literatura na sala de aula.

Palavras-chave: Etnografia; Literatura Infanto-Juvenil; Gênero.

1 INTRODUÇÃO

Na escola, a abordagem/discussão de temas que circulam o contexto social em que o aluno está inserido é imprescindível, pois ela pode formar cidadãos conscientes de seus direitos, contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, além de poder detectar algum obstáculo que o aluno possa estar enfrentando. Para tanto, deve ser utilizado um mecanismo que chame a atenção do leitor criança.

A literatura infanto-juvenil, por muito tempo, foi vista como um material apenas de cunho pedagógico, ou seja, através dos contos de fada, os alunos eram direcionados para entender o que era certo e o que era errado, possuía uma lição de moral para que, com isso, os discentes pudessem agir conforme o personagem que era gratificado no fim da história.





VII ENLIJE

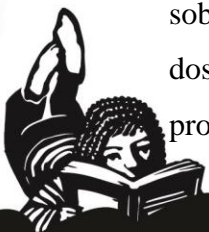
O livro “Bisa Bia, Bisa Bel” (1981) de Ana Maria Machado permite uma leitura sobre as questões de gênero, em uma narrativa descrita pela personagem Isabel e seus debates com a sua bisavó Beatriz, personagem que tem um tom moralizante. A menina confronta os conselhos da bisavó e argumenta sobre o universo feminino x masculino. Dessa maneira, a literatura para crianças e jovens pode ser utilizada como material de apoio para o professor que deseja discutir, em sala de aula, sobre tais conteúdos. Com essas discussões, podem ser percebidos dilemas e identificações dos alunos com os conteúdos vistos.

De acordo com a perspectiva etnográfica, Castro (2015) diz que, através de um sistema educacional que proporcione uma abordagem multicultural, o aluno pode redimensionar sua identidade. Para ela, a construção da identidade do aluno se dá por meio das funções que ocorrem na sala de aula e no contexto social em que ele está inserido e, também, através do contato com as diferenças, pois, assim, o discente tem a oportunidade de refletir e respeitar o outro por meio desse contato.

A escola pode ser um ambiente em que as questões culturais sejam discutidas e isso é de importante valia, pois possibilita ao aluno compreender o meio em que está inserido, as diferentes culturas que permeiam uma sociedade e, a partir daí, ele pode se identificar e sentir que pertence aquilo. Sobre pertencimento, Castro (2015, p.39) ainda diz que é por meio dele que os alunos podem legitimar as identidades construídas e os seus distintos meios de convivência incluindo a escola.

Para isso, a abordagem etnográfica é o método com que esta pesquisa de cunho qualitativo foi desenvolvida. Para a análise, foi descrita/observada uma aula de produção textual em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental II. Inicialmente, foi feito um questionário sondagem com os alunos sobre algumas questões de gênero (sobre o que é de menina e o que é de menino, brincadeiras, comportamentos, profissões, cores, papel social e atualidade) e, posteriormente, a leitura e discussão de trechos do livro “Bisa Bia, Bisa Bel” (1981) que abordam alguns dos assuntos apresentados no questionário sondagem.

Pensando nisso, este artigo se fundamenta, considerando que professor pesquisador deve compartilhar suas experiências na medida em que guia a sua aula, devendo considerar todas as leituras de seus alunos, interferindo apenas quando for necessário. Para tanto, faz-se necessário a seguinte indagação: Como o estudo etnográfico pode contribuir para que o professor compreenda a sua abordagem e as diferentes leituras dos alunos acerca da discussão sobre o gênero? Para responder esta questão, a pesquisa tem o objetivo de analisar as leituras dos alunos, em uma perspectiva etnográfica e, também, observar a própria abordagem do professor pesquisador frente ao tema escolhido, o gênero.





2 DISCUSSÕES TEÓRICAS: A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA SALA DE AULA, ATUALIDADE DAS DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E A ETNOGRAFIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Sobre a literatura para crianças e jovens e o ensino, discute-se sobre o percurso histórico dela, a mediação do professor com o objeto de estudo e a prática de ensino, considerando o contexto social em que o aluno está inserido. No que compete a discussões atuais sobre o gênero, será abordado o papel da mulher e do homem na sociedade atual e, acerca da teoria da etnografia no processo de ensino/aprendizagem (educação), é abordado o seu uso na observação da sala de aula, sua relação com a cultura e, também, o contexto social dos alunos e do professor pesquisador.

2.1 A literatura infanto-juvenil e o ensino

Muito se é discutido sobre o ensino de literatura e suas implicações no contexto em que o aluno está inserido. A produção de livros voltada para crianças é enlaçada a algumas perspectivas importantes. Dentre elas, destacam-se duas vertentes principais: a Literatura Infantil como método educativo ou como instrumento para entretenimento e ampliação cultural. A primeira diz respeito à elaboração de livros por adultos, que geralmente é perpassada por aquilo que se quer ensinar. Ou seja, o adulto, que possui experiências a serem transmitidas, escreve utilizando recursos narrativos para alcançar o seu objetivo.

No que se refere à segunda vertente, pode-se defini-la como a reformulação da primeira, pois os livros infantis não são mais tidos como pretextos para o intuito pragmático/pedagógico, mas como um elemento para desenvolver o entretenimento e expansão cultural da criança, já que o método educativo limita o espaço para a fantasia e, principalmente, para personagens que fogem dos moldes tradicionais da literatura infantil. É válido ressaltar que, mesmo depois da reformulação literária que será abordada adiante, o fator pedagógico não é totalmente eliminado dos livros direcionados para crianças. Soriano *apud* Coelho (1993) nos explica que

Ela pode não querer *ensinar*, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é a da aprendizagem e mais especificamente da aprendizagem lingüística. O livro em questão, por mais simplificado e “gratuito” que seja, aparece sempre ao jovem leitor como uma mensagem *codificada que ele deve decodificar* se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entrever e assimilar ao mesmo tempo as informações concernentes ao real que estão contidas na obra. [...] A literatura infantil é também ela necessariamente pedagógica, no sentido amplo do termo, e assim permanece, mesmo no caso em que ela se define como literatura de puro entretenimento, pois a mensagem que ela transmite então é a de que não há mensagem, e que é mais importante o divertir-se do que preencher falhas (de conhecimento). (COELHO, 1993, p. 27).





VII ENLIJE

A essência dos textos infanto-juvenis possui necessariamente o intuito pedagógico, embora os novos textos insinuem uma nova postura, focando no entretenimento, ela permanece com o teor pragmático. A própria constituição da literatura voltada para as crianças que começou a ser determinada em meados dos séculos XVII e XVIII, contexto em que, antes do modelo de família burguesa, a fase da infância era omitida, isso implica afirmar que a criança não era dissociada do adulto por possuir uma faixa etária e espaço diferente deste.

Com a necessidade de uma nova constituição familiar, em que os vínculos de afetuosidade necessitaram se tornarem evidentes, é que a criança passa, então, a possuir seu próprio espaço, em que seus limites começam a ser respeitados e a sua valorização, no que diz respeito à educação, se torna mais efetiva, já que a partir desse período a escola é reformada e a literatura que é direcionada para a infância é inventada, tendo em vista que a criança agora é um indivíduo que necessita de um método educativo diferente daquele que era utilizado. Para Zilberman (2003),

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformulada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão. (ZILBERMAN, 2003. p. 15)

Sendo assim, não poderia ser qualquer tipo de literatura que daria conta da nova dimensão intelectual que o universo infantil estava inserido. A produção da literatura infanto-juvenil que possui um viés pedagógico e moralizante, não corresponde a nova perspectiva do universo infantil. Embora os aspectos do lúdico e fantasioso estejam presentes, o objetivo didático é o mais relevante nessa fase de produção inicial. Ainda, para Zilberman (2003), essa formulação se conserva, até hoje, com o intuito pragmático e prejudica, muitas vezes, a “aceitação da arte como arte”, já que essa literatura está inserida no contexto do ensino.

A literatura está diretamente associada a instituição escolar, sendo esta a principal responsável por apresentar normas que devem ser seguidas pelos infantes e, também, é aquela que proporciona opções de leituras para a criança, a fim de formá-los adultos e de protegê-los do universo exterior da instituição. Como se trata de um ambiente fechado, muitas vezes, a escola é implicitamente um órgão que separa as crianças da sociedade e da família, já que esta não acompanha o aluno até a sala de aula. Neste local, são colocadas em um mesmo nível intelectual umas com as outras, mas sempre abaixo do mestre. É, de certa forma, contraditório





afirmar que, embora em um meio social como deveria ser a escola, as crianças fiquem a par da sociedade, como nos explica Zilberman (2003)

Em vez de um convívio social múltiplo, com pessoas de variada procedência, reúne um grupo homogeneizado porque compartilha a mesma idade; e impede que se organize uma vida comunitária, já que todos são obrigados a ficar de costas uns para os outros, de frente apenas para um alvo investido de autoridade – o professor. (ZILBERMAN, 2003. p. 21)

Com base nessa explicação, fica claro, portanto, que por muitas vezes a escola não investe no caráter social, visto que a normatização é a questão predominante nesse contexto. O seu papel, de fato, deveria garantir, através da educação, a continuidade da vida social, a validação de seus costumes e crenças, por meio de valores transmitidos dos adultos para as crianças (Cadermatori, 1992, p. 42). A escola é o meio em que a manipulação do aluno se torna mais gradativa, apresentando suas normas e métodos, mas a formação do indivíduo não se dá apenas no plano da instituição. Como já foi visto inicialmente, a literatura infantil é outro recurso que tem, ou pelo menos tinha, a ocupação de propor normas de cunho didático.

Desse modo, pensar a literatura na sala de aula pressupõe uma abordagem do professor livre de imposições, deixando o aluno livre para fazer suas próprias interpretações e associações com o contexto em que ele se encontra. Ainda, para Rouxel (*op. cit.*), não é este um trabalho fácil, pois instituir o aluno e renunciar a própria imposição requer uma abordagem que considere, inicialmente, a recepção do aluno e de estimulá-lo para a sua própria interpretação.

2.2 Atualidade das discussões sobre gênero

O papel da mulher na sociedade atual pouco tem em comum com algumas décadas atrás. A tradição preservava uma perspectiva em que a mulher não possuía direitos sobre os bens de seus maridos, bem como eram exclusas do campo de trabalho e do direito ao voto, além de questões culturais herdadas acerca da postura de uma dama: a dona do lar, aquela que tem a função de organizar a casa, cuidar dos filhos e de questões pertinentes aos escravos/empregados. Cerca de 300 anos após as ideias advindas do Iluminismo, é que as mulheres começaram a ser inseridas no campo de trabalho, em condições desfavoráveis em relação aos homens. Como método de afastá-las do âmbito do trabalho, além do pensamento que perpetuava naquela época e que pregava por uma relação de dominação, normas com medidas “cautelosas” para as mulheres foram instituídas e se fixaram como uma forma de afastamento do trabalho para que elas se tornassem totalmente submissas e para que seus ideais fossem omitidos, já que não tinham direito à voz. Santos explica que





VII ENLIJE

Tudo indica que as relações entre os sexos eram, antes de tudo, relações de poder, e marcaram a história feminina, visto que as poucas mulheres que se permitiam alguma iniciativa que vislumbrasse horizontes de atuação fora dos limites domésticos encontravam sérios obstáculos para concretizar seu intento. Medidas de proteção em relação às mulheres tinham um único objetivo: mantê-las distantes do mundo do trabalho, para se dedicarem, exclusivamente, à perpetuação da espécie, cuidando da prole e do lar. (SANTOS, 2009, p.159)

A relação de poder que Santos (2009) menciona e a punição das mulheres que tentavam impor voz ativa em sua vida são critérios culturalmente construídos. Trata-se de uma perpetuação da tradição referente a oposição dos sexos. O feminino que deve se voltar aos cuidados domésticos e o masculino que sustenta o lar. É uma relação política que tem como objetivo fixar o pensamento do homem que deve ser o senhor do absoluto poder e, para culminar com essa ideologia, as normas que visavam a “proteção” das mulheres restringindo-as do trabalho fora de casa para que pudessem se dedicar exclusivamente ao trabalho do lar. Após o iluminismo, as mulheres vem buscando ultrapassar as barreiras construídas culturalmente sobre a concepção de gênero e lutando pela instituição de seus direitos de igualdade em relação aos homens.

2.3 A etnografia no processo de ensino/aprendizagem

O estudo etnográfico permite um entendimento dos fatos gerais que acontecem no campo de pesquisa, além daquilo que se pretende observar. Para isso, é necessário que seja realizada uma descrição densa daquilo que foi observado, atento para todos os acontecimentos vistos e presenciados. Portanto, não há como desassociar a etnografia do contexto social. Para Castro (2015),

Decorre da importância do relato etnográfico a ênfase no interacionismo simbólico (valores, práticas e vivências) no processo de derivar conhecimento. De tal forma que ao entrar no campo, seja contínuo o compartilhar de conhecimento dos participantes com o pesquisador reinterpretando a situação observada e ampliando as interlocuções do mundo do sujeito com o mundo social em que vive. (CASTRO, 2015, p.76)

Assim, ainda para Castro, o ambiente escolar possibilita ao professor pesquisador um olhar mais atento para os fatos que ocorrem ali. A escola como ambiente social é um local de inserção do sujeito para a interação com o outro, daí podem surgir espaços para compreender esses processos de interação. Para Mattos e Castro (2005) citado por Castro (2015),

Faz-se necessário um olhar minucioso sobre a escola e, particularmente, sobre a sala de aula, que serve como pano de fundo para essa realidade, pois é ela o espaço físico eleito pela sociedade moderna para o exercício da comunicação e disseminação de sentidos e valores sócio-culturais. (MATTOS e CASTRO (2005) citado por Castro 2015, p.77)





Nessa perspectiva, a escola é o *locus*, é o lugar onde se realiza a observação dos sentidos e dos valores sócio-culturais inseridos tanto pelo professor pesquisador, quanto pelos alunos. A partir dessa observação, considerando as ações e os valores sócio-culturais, é que Mattos (2006) citado por Castro (2015) defende que a pesquisa etnográfica deve ser desenvolvida por aqueles que se sentem desconfortáveis com alguma situação, ou com algum “fenômeno social” que não está indo bem, para desenvolver uma boa pergunta a ser respondida/ solucionada.

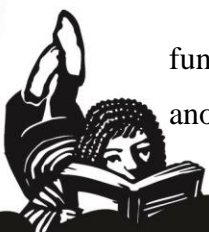
Considerando o que Mattos diz sobre o “fenômeno social” que não está indo bem, pode-se fazer uma ponte com o objeto de estudo dessa pesquisa etnográfica: as questões que envolvem o gênero. Embora hoje existam discussões e leis que asseguram a igualdade dos sexos, é comum ver discursos que menosprezam ou diminuem o sexo feminino. Sejam esses discursos construídos por uma cultura ou por preconceitos. A etnografia é capaz de descrever as ações decorrentes de uma cultura. Castro (2015) explica que

Autores (André, 1996; Mattos, 1992; 2001) que utilizam o referencial etnográfico nas suas pesquisas, definem etnografia como a descrição de uma cultura, a preocupação com o significado, com a matéria própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. (CASTRO, 2015, p. 82)

Dessa forma, o trabalho em etnografia possibilita a busca e observação pelos discursos, contextos, valores e situações em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos. A descrição, portanto, prevalece com a “preocupação do significado” no momento da descrição de uma cultura. Na educação e no processo de ensino/aprendizagem esse estudo permite ao professor pesquisador conhecer o seu local de atuação, bem como os sujeitos que estarão atuantes em sua prática docente, ou seja, os alunos. É importante que o docente esteja familiarizado para que, com a pesquisa etnográfica, “estranhe o familiar” (Geertz, 2008) e possa desenvolver ações para reconectar o familiar, levando em consideração a cultura e o contexto social. Pensando nisso, esta pesquisa etnográfica foi realizada em uma observação de aula que teve como tema de discussão as questões que envolvem o gênero. Tal pesquisa leva em consideração o contexto, as ações e os valores que foram apresentados na sala de aula e isto será discutido no tópico seguinte.

3. UM ESTUDO ETNOGRÁFICO: ANÁLISE DE UMA AULA ACERCA DA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO

A observação de aula foi feita em uma escola particular de ensino infantil e fundamental I da cidade de Umbuzeiro-PB. Optamos por fazer a observação na turma do 5º ano, pois os alunos apresentam amadurecimento suficiente para discutir o tema proposto para





VII ENLIJE

aula: Gênero (masculino x feminino). O 5º ano possui 15 alunos, sendo 9 meninas e 6 meninos. Neste dia, 19 de abril de 2018, apenas um menino faltou. As aulas acontecem no período da tarde, tendo o horário reservado para produção textual das 13h as 15h.

Partindo do que Rouxel *in* Dalvi, Rezende e Jover-Faleiros (2013) diz sobre a literatura infanto-juvenil oferecer um novo horizonte de expectativas nos alunos, o livro escolhido para debate em sala de aula foi “Bisa Bia, Bisa, Bel” (1981) de Ana Maria Machado, leitura que possibilita meios para serem discutidas as questões de gênero. Para Mattos e Castro citado por Castro (2015),

Faz-se necessário um olhar minucioso sobre a escola e, particularmente, sobre a sala de aula, que serve como pano de fundo para essa realidade, pois ela é o espaço físico eleito pela sociedade moderna para o exercício da comunicação e disseminação de sentidos e valores sócio-culturais. (MATTOS e CASTRO citador por CASTRO, 2015, p. 77)

Nessa perspectiva, é através do processo de comunicação na sala de aula que os valores e os sentidos são compartilhados, já que este ambiente é o lugar escolhido pela sociedade para o exercício de comunicação. A escola, portanto, é onde a realidade é retratada e um olhar minucioso sobre ela é de fundamental importância para compreender esse processo. A pesquisa etnográfica, porém, não é responsável por solucionar problemas observados, permite, entretanto, uma reflexão mais intensa do processo observado no contexto de ensino-aprendizagem. Ela parte do questionamento do pesquisador, do processo de estranhamento daquilo que lhe é familiar. Dessa forma, é importante destacar o que Castro (2015, p.73) diz sobre a pesquisa etnográfica na sala de aula. Para a autora,

As pesquisas do tipo etnográfico permitem que o sujeito e o pesquisador possam compartilhar experiências que partem das explicações que os sujeitos constroem sobre si que delineiam os processos vivenciados por eles. Desse modo, o relato do estudo apresenta uma leitura vivida das narrativas dos sujeitos e não apenas dos resultados de pesquisa. (CASTRO, 2015, p.73)

Assim, tendo como pressuposto o “estranhar o familiar”, é válido observar essa parte da descrição da aula de produção textual:

As perguntas foram feitas por nós e, na medida em que os alunos iam respondendo, fomos fazendo anotações no quadro que foi separado entre lado X (meninas) e Y (meninos). Confessamos que foi um momento confuso. Os alunos ficaram agitados e empolgados com as questões. Houve barulho e euforia. O aluno Fábio, que é um menino comportado e não tem atos de interação, surpreendeu-nos ao responder e participar do debate, inclusive, levantando-se de sua carteira 2 vezes. Precisamos solicitar que ele se contivesse.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

A turma escolhida para ser observada, é uma turma tranquila durante as discussões. Essa agitação dos alunos, realmente, diferente daquilo que eles estão habituados. Principalmente, o fato de um aluno calmo e tímido ter se levantado por duas vezes diante dos questionamentos acerca do gênero. Isso faz com que tenhamos a tendência de procurar compreender os motivos que o deixaram tão eufórico. Para Castro (2015, p.79), “Estudar as práticas de sala de aula de modo específico e de cada sujeito é, portanto, compreender o processo de construção do alunar-se”.

O processo de alunar-se está associado, como bem menciona Castro (2015), ao processo de construção de identidade. Os alunos da turma pesquisada ainda não tinham discutido sobre gênero no ambiente da sala de aula. O tema discutido é algo do cotidiano, conteúdo em que os discentes facilmente fizeram relações com as suas vivências sociais. Para a autora,

A identidade de aluno é redimensionada em função das mudanças que ocorrem na escola e sociedade contemporâneas. Pode-se entender que a construção do aluno se dá pela possibilidade de perceber e respeitar a diferença pela diferença e, ainda, ampliar a possibilidade de pensar sobre o sistema educacional, por exemplo, em uma postura multicultural “fornecendo respostas concretas, no seu cotidiano para a questão da diversidade” (CANEN; CANEN, 2005, p.21). (CASTRO, 2015, p.38)

Nessa perspectiva, importa estudar tal observação feita em sala de aula para que, assim, se compreenda as relações que o aluno faz com o contexto em que está inserido, bem como apresenta características importantes na construção da sua própria identidade. No fragmento abaixo acerca da descrição feita em sala de aula, pode ser percebido essas relações

A partir daí, os alunos começaram a fazer relação com a sua vida pessoal. Letícia disse que a tia falou que ela deveria ter nascido homem, já que ela faz tudo o que o tio faz, além de considerar a irmã chata porque é delicada. João também diz que a irmã é chata, pois tem muitas “frescuras”. Isabel diz que não é “frescurenta” que faz de tudo e Eduarda acrescenta dizendo que também faz tudo e come de tudo. [...]

Durante as interações, a conversa foi sendo encaminhada para um diálogo sobre gastronomia. Pedimos para retornarem ao assunto principal e chamamos atenção para a 6ª pergunta, referente ao papel do homem e da mulher no lar. Fábio diz que o homem tem que sustentar a casa e João diz que homem que tem que mandar. Imediatamente, Letícia diz: “Não sejam machistas”. Raul balança a cabeça em concordância com Letícia e Eduarda diz que mulher trabalha também e pode sustentar uma casa.

Neste momento, os alunos começaram a conversar sobre as profissões dos pais. A grande maioria afirmou que a mãe trabalhava fora. Jonas e Raul defenderam a posição de que homens também podem cuidar da casa e dos filhos. Em um tom mais baixo que o normal, Fábio diz para





VII ENLIJE

si mesmo: “Homem é pra trabalhar fora”. Isabel e Heloísa nos deram uma aula de história, as duas explicaram o contexto de antigamente. Todos os alunos prestaram atenção. As interferências foram feitas por Letícia que disse “Os homens pensam que a mulher não serve pra nada” e de Eduarda “Ainda bem que eu não nasci no passado”.

É percebido, também, nestes fragmentos o fator da diversidade em que esses alunos estão inseridos, inclusive, no cenário de casa. Através da observação de sala de aula, juntamente com o trabalho de descrição densa, faz com que o professor-pesquisador perceba as construções de sentido que os alunos podem fazer no ambiente escolar. Ao discutir sobre as possíveis profissões masculinas x femininas, duas alunas puderam fazer relação com o conteúdo visto em história. Dessa maneira, Castro (2015, p.81) afirma que “o pesquisador busca espaços e sujeitos para aproximar-se de suas realidades com a finalidade de compreendê-los.”

Pensando assim, a etnografia também é um exercício de compreensão de culturas. A observação da interação e das relações desenvolvidas em sala de aula pode fazer com que o professor-pesquisador faça adaptações de suas aulas e passe a usar estratégias para integração das disciplinas, tornando assim as aulas em multidisciplinares a partir do estudo de suas ações e intenções postas na sala de aula.

No que compete ao contexto, Castro (2015) diz que

No sentido da singularidade do contexto cultural dos indivíduos, busca-se no conteúdo do discurso dos sujeitos participantes o tornar-se aluno como um retrato do que foi possível captar de suas falas, gestos, atitudes, vivências, experiências, intenções, eventos e contextos. Os discursos criaram fragmentos do que é possível delinear sobre tornar-se aluno. (CASTRO, 2015, p.83)

Observar as atitudes, vivências, experiências (e etc.) dos alunos é parte principal e fundamental do estudo etnográfico. Ela permite que, a partir dessas ações, o professor-pesquisador compreenda o que acontece na escola. No fragmento da observação abaixo, é possível compreender o motivo das respostas dos alunos:

A 4ª pergunta questiona sobre as brincadeiras. Wellisson logo disse que esse tema era mais fácil separar, afinal meninas brincam de bonecas e meninos não. Luzia que ainda não tinha se manifestado, disse que para meninas, a brincadeira de boneca e casinha era coisa de antigamente. Suas colegas concordam, acrescentando que só brincavam assim quando eram menores. Nós perguntamos se meninos poderiam brincar de boneca. Houve silêncio. Wellisson, Jonas, Fábio e João responderam que não. Raul permaneceu calado, eu percebi que ele não concordou com os amigos, mas preferiu não falar nada.





VII ENLIJE

Os alunos Wellisson, Jonas, Fábio e João podem ter respondido a pergunta com um “não” enfático pelo motivo de suas famílias imporem isso em casa. Por a escola estar localizada em uma cidade pequena, o professor-pesquisador conhece as famílias desses alunos. No caso de Fábio, João e Wellisson, os pais são rigorosos e, provavelmente, eles devem ter “aprendido” em casa que boneca é brincadeira de menina. Já com Jonas, o pai é ausente, porém a mãe, avó e os tios pressionam muito a criança para ser muito bom em tudo e, além disso, mostrar masculinidade. No caso de Raul, único menino a permanecer em silêncio, talvez por medo da repreensão dos colegas, os pais não demonstram ter a mesma personalidade dos outros.

Tendo esta visão mais ampla, é possível compreender as respostas destes alunos. No entanto, isso não é algo que possa ser afirmado. Trata-se de uma suposição que só foi possível porque a professor-pesquisador conhece os pais dos alunos. Neste outro fragmento, é notável que os alunos se apoiam nos outros para responder algum questionamento:

Constatamos que os alunos interagem com o colega que estava ao lado, tentando encontrar uma profissão ocupada por um único gênero, apresentaram dificuldade. Notamos, também, que Gabriele e Luzia não estavam interagindo, permaneceram em silêncio. Questionamos sobre o que estavam pensando. Em resposta, tivemos o silêncio.

Nesse caso, as alunas Gabriele e Luzia, que são alunas participantes das aulas, permaneceram em silêncio por não encontrar uma resposta para a pergunta. Por conhecê-las bem, é possível afirmar isso. Em uma pesquisa etnográfica, o pesquisador sabe sobre o que está estudando, por isso, é compreensível o silêncio das alunas.

Sendo o pesquisador aquele que conhece o objeto estudado, Castro (2015) diz que “é o pesquisador que, indubitavelmente, conhece o objeto investigado. Ele se dedicou a compreendê-lo tanto na vivência cotidiana – a prática- quanto mesmo nas construções teóricas que realiza ao longo de sua experiência acadêmica. [...]” (CASTRO, 2015, p.89).

Nesse sentido, as ações, respostas, interações desenvolvidas na sala de aula, deveriam ser algo esperado pelo professor, mas, a partir do momento em que as crianças são direcionadas a discutir temas como a questão de gênero (assunto nunca discutido na sala de aula), respostas e ações inesperada podem surgir, assim como aconteceu. O professor-pesquisador estranha algumas atitudes e, a partir daí, ele pode refletir sobre o seu fazer pedagógico, sobre a sua didática e os temas das discussões em sala de aula. Este sujeito deve, portanto, diagnosticar, através da pesquisa etnográfica, critérios a serem melhorados no contexto da sala de aula, refletir e tomar ações para melhorá-los.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de fazer etnografia é de fundamental importância para o professor que deseja compreender melhor o espaço da sala de aula, principalmente, para entender como o seu fazer docente implica nas ações dos alunos. É a partir dele que podem ser percebidos pontos a serem melhorados, bem como, outros a serem revistos.

A produção deste artigo permitiu compreender melhor os pensamentos dos alunos acerca do debate das questões de gênero, sendo este um assunto que pode ter encaminhamentos diferentes, porém, a didática escolhida pelo professor é que vai fazer com que os alunos se posicionem adequadamente ao objetivo proposto/esperado.

Ao levar questionamentos sobre questões do masculino x feminino, pode ser percebido que as respostas dos discentes têm relação íntima com o contexto social em que estão inseridos. Além disso, as discussões permitiram que o professor-pesquisador compreendesse o posicionamento isolado e conjunto dos seus alunos, já que ele conhece bem a sala de aula e cada indivíduo ali inserido.

Portanto, a pesquisa etnográfica na sala de aula permite um olhar voltado aos alunos, como também, ao próprio fazer do docente, podendo, a partir daí, compreender os processos de construção de identidade, do tornar-se aluno, das relações com os contextos e, não menos, entender o multiculturalismo presente no ambiente escolar. Este último, fator indispensável que deve ser compreendido pelo docente e pelos discentes, deve ter um olhar cauteloso para que seja construída a noção de respeito.

Referências

ABADE, Fernanda. **A literatura infantil como processo emancipatório na obra Abrindo Caminhos, de Ana Maria Machado.** UTFPR, Curitiba, 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1319/1/CT_LBHN_VIII_2013_03.pdf.

CADEMARTORI, Lígia. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.** São Paulo: Ática, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil.** São Paulo : Ática S.A., 1993

DALVI, M. A. REZENDE, N. L. de, JOVER-FALEIROS, R.(org) **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Literatura Infantil e gênero: subjetividade e autoconhecimento.** Caxias do Sul: Conjectura, Vol.4 Nº2, 2009.

ZILBERMANN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo : Global Editora, 2003.

